

# REVISTA DA SOCIEDADE PHENIX LITTERARIA

SUMMARIO. — Discurso da apresentação de um socio. — O seculo XIX. — O christianismo. — Poesias: Um encontro; Saudades, a meu irmão. — Chronica.

## Discurso

Lido na Sociedade Phenix Litteraria por Tito Amaral, quando apresentado como socio da mesma

SENHOR PRESIDENTE, MEUS SENHORES.

E' do alto desta tribuna, a primeira cujos degraus galgo em minha obscura vida, que eu meço minha pequenez intelectual, que eu avalio de sua nihilidade, que eu pasmo de sua fraqueza; é cercado por um auditorio a quem conheço e de quem sou desconhecido, a quem admiro e para quem sou indiferente, a quem não altero e que me abala, que eu choro a pobreza dos minguados recursos de minha desbotada intelligencia, que eu lastimo a escassez de meu pequeno saber, que eu lamento, enfim, a falta de pensamentos su-

blimes, de palavra facil, de presenca sympathica, dos requisitos, em summa, condignos à apreciação dos que me ouvem.

O viajor atrevido penetra nos escondrijos de pavorosa caverna, perscruta os sons perdidos de mysteriosa gruta, sonda o abysso de profundos pélagos, affronta as iras de procellosas tempestades, arca com as sombras de tenebrosa noite, zomba do escuro denso dos enredados labyrinthos de cerradas mattas, ri de seus phantasmas aereos, de suas apparecções aterradoras, da luz fatua de seus pyrilampos, do pio lugubre de suas ayes nocturnas, e a tudo isto se mostra soberano, a tudo encara com calmo desdém, a tudo se acha superior! Elle se envergonharia, mesmo em pensar, de lançar mão do ferro que traz à cintura, ante o mais terrivel dos perigos; sua intrepidez se sentiria dobrar, seu animo se sentiria enfraquecer, sua alma o fizesse pequeno, em presença da mais medonha, da mais negra, da mais critica situacão!

No entanto, Senhores, quando seus olhos só veem a immensidão, quando seus ouvidos só escutam o silencio, quando seu espirito só attinge o infinito, quando sua alma se acha só, na terra, ante o céo; nestes momentos sublimes em que o homem, preza de um ser intelligente e invisivel, que é o seu eu, indaga de onde veio, aonde está, para onde vai; nestes instantes grandiosos em que elle, diante do firmamento immenso, do espaço infinito, dos astros inumeros, do mar insondavel, da creação magestosa, procura, busca e chama pelo Autor de tantas e tão grandes maravilhas; nesta bella e imponente attitude, enfim, o viajor se julga cégo — porque não se vê, se julga mudo — porque não falla, se julgo pequeno — porque não se sente.

E' o que se dá commigo neste momento.

Vejo, no conjunto que formais, um gigante, — e, mesquinho, me desappareço; ouço, no vosso silencio, a fraqueza de minha voz, — e, mudo, me calo; sinto, no vosso contacto, a grandeza do pensamento, o brilho da intelligencia, a luz da idéa, a eloquencia da palavra, e — este pensamento me foge, — este brilho me céga, — esta luz me queima, — esta eloquencia me falta. Sou um insecto nos Andes, uma andorinha na immensidão, um grão de areia no Sahara, uma folha no oceano, uma restia de luz no sól. Sou um

novo Tantalo: dentro d'agua, — tenho sede; cercado de mangares, — tenho fome; e, com os labios resequidos, com as entranhas famintas, vejo a agua que se evapora, vejo os manjares que me fogem.

Deixai, pois, que este insecto zumba, que esta andorinha esvoace, que este grão de areia se move, que esta folha deslize, que esta restia de luz bruxoleie, que este Tantalo se sacie. Quem vos falla não tem imagens, não tem eloquencia: falta-lhe o pensamento, falta-lhe a palavra; é um néophyto; quer se baptizar nas lutas da intelligencia; banhai-lhe a fronte com a luz das idéas; prestai-lhe alguns minutos de attenção, sede-lhe complacente, e elle vos será agradecido.

### Senhores.

Deus plantou, no coração humano, o instincto de sociabilidade, de uma maneira tão palpavel que, quando mesmo quizessemos escrecel-o, nossa natureza se opporia a esta infracção, patenteando-o nos nossos menores actos. E assim que, quando tributamos amizade, gratidão, respeito ou outro qualquer sentimento nobre a alguém, sentimos uma grande satisfação, uma tendência invencivel, em lhe dar a lér o livro de nossa alma, em lhe mostrar todas as suas paginas, todos os seus periodos, todas as suas palavras, todas as suas letras, enfim. Somos, então, menos egoistas, não vivemos só para o eu; dividimos, até mesmo, as alternativas dos sentimentos que se despertam em nosso íntimo, com aquelles que julgamos dignos de participal-as. Deste modo, se as alegrias teem menos força, por serem divididas, em compensação, as dores são menos intensas, e mais longa pôde, então, ser a nossa jornada no caminho da vida, e mais brilhante será o nosso rasto neste caminho.

Bem hajam, pois, aquelles que põem em accão este instincto, reunindo estes pequenos grupos, que são vastos campos da luta das facultades intellectuaes, onde a idéa, que é luz, peleja com a ignorancia, que é treva, aquella tendo por gladio — a palavra, esta tendo por arma — a inaccão. E nestes campos que se desenvolve a intelligencia, esta semente de luz plantada no crâneo humano, só fecundo na produccão de douradas espigas, cujos grãos são bem vindos livros, com que a humanidade sacia sua sede de saber.

Senhores, esta Sociedade, pequena como é, traduz uma luta digna, transpira sentimentos nobres, revela corações que sentem, almas que aspiram ; esta Sociedade é a arvore frondosa, que, suscando pelas radiculas a seiva nova e sã dos arbustos de um mesmo sitio, se ostenta possante de vida e de viço, constituindo, pouco a pouco, o rijo tronco, que fará parte do ligeiro batél, mensageiro da civilisacão aos nossos vindouros ; esta Sociedade é uma ridente aurora, alvíçareira de um dia limpidio, brilhante, cheio de luz, cheio de vida. A tarde deste dia — será mais esplendida, mais pomposa do que o seu alvorecer ; o seu crepusculo — terá mais encantos, será mais rico de galas do que seu meio-dia, porque o sol da vida, que se apaga com a noite do tumulo, é crepusculo da aurora deslumbrante da immortalidade, que se accende com os seculos.

Eu saúdo, de coração, á Sociedade Phenix Litteraria ; eu, romeiro fraco, da margem da estrada espinhosa porque trilhaes, elevo um brado de triunpho a vós, que, a braços com as difficuldades que sóem nos apparecer na estréa da vida, não vos acobardastes ante ellas, e, crentes, persistis no empenho de adquirir e de diffundir a luz da intelligencia, que é a luz da razão, da verdade, da justica, do bom e do perfeito.

Trinhando o caminho da gloria, trilhais tambem o caminho da felicidade, porque o caminho que vai á gloria é o caminho do trabalho, e o caminho do trabalho é a senda da felicidade. O homem é tanto mais feliz, quanto mais trabalho util dá a seu espírito, porque, então, distrahido de face negra da vida, que é um Jano, apenas ve sua face bri-lhante, e, em vez de aborrecel-a, a preza e a estima. E, pois, do trabalho que lhe vem a felicidade e a felicidade de seus semelhantes. Sim... a felicidade de seus semelhantes, porque a luta do homem contra os obstaculos que as circumstancias antopõem a seu caminho, quando elle busca o seu bem estar lancando mão dos meios que prescreve a probidade, é a mais poderosa alavanca, tanto para a educação ou progresso individual, como para a civilisacão ou progresso da humanidade.

Esta luta, seja qual fôr, se traduz em trabalho ; e o trabalho, esta lei divina tão util ao homem quanto necessaria à vida ; esta virtude sublime, que eleva o fraco à altura do

potentado que o opprime, que faz do escravo — senhor, do ignorante — sabio, do mendigo — Crésus, do ladrão — sentinella, do assassino — defensor, da gilhotina — arado, da espada — fouce, do corrasco — lavrador, do vicio — decóro, finalmente do crime — virtude; esta vara magica, que transforma hospitaes — em officinas, carceres — em escolas, conventos — em templos, lupanares — em lares domesticos, guerras — em theatros, duellos — em abraços, finalmente, lagrimas — em risos, e dôres — em gozos; o trabalho, esta entidade eminente e benefica, é o carro poderoso do Progresso que, puxado pela humanidade, toma no seu dorso a civilisacão, triunfante vôle em busca da perfectibilidade humana.

Rio, 9 de Agosto de 1878.

(Continua.)

---

## O seculo XIX

Quando o homem, avido de conhecer o futuro, procura, na vasta escuridão dos séculos que foram, comparar a evolução da humanidade sob os diversos regimens de cada época, uma consequencia resulta: *a humanidade marcha*.

Para donde? Ninguem o sabe.

A velocidade variável de que se anima a humanidade nessa trajectoria mathematica de Littré nos assusta: ora vacillante, aterrorizada no meio do desvario geral, e abalada pelo prurito de conquista de massas moveis, que errantes passam por sobre o tumulo, que lhe parecia destinado, dormita ruminando e homogenisando os elementos, que constituirão bases de uma nova phase; ora, elaborados os elementos predispostos, avança com um passo gigante, arrancando dos céus o segredo, arrancando a face do mundo.

O seculo XIX é a meta actual dessa marcha ascendente ; é o seculo portento cujas descobertas e invenções industriais e científicas fazem crer na possibilidade de surgir um homem da retorta de um chimico ; mas o seculo XIX não é o completivo da elaboração científica iniciada por Thales e Pythagoras, porque isto importa estacar a humanidade no ponto em que sua velocidade é maxima. Esse desenvolvimento material é a consequencia lógica desse methodo, cuja primeira pagina Bacon escreverá, e cujo alcance Conte comprehendêra ; e verificação da lei do desenvolvimento progressivo pela transformação de elementos não sanciona a perfectibilidade humana. O seculo XIX, o seculo da industria, parece suspender o movimento espontâneo das bellas artes ; parece baixar o nível moral das sociedades.

E' uma consequencia da industria egoista que transforma a vida em commercio baixo e interesseiro, cuja base, o dinheiro, sacrifica a honra à opulencia, a probidade à vaidade, e protege, pelo falso desenvolvimento de forças puramente mecanicas, o vicio hediondo que carcome e medra no seio das sociedades ; as bellas artes, essas ondinas que enleiam a vida suavisando os pezares e corrigindo os defeitos humanos, estacam e param diante o falso positivismo que, carrancudo, as espreita sobranceiro ameaçando suas fontes essencialmente metaphysicas. As sciencias moraes occultam debaixo de um falso desenvolvimento uma grave lacuna, qual a grande questão da moralidade social. E quando os sabios reverentes curvam-se diante de um poder que não conhecem, e que respeitam, a mocidade actual apostata o verdadeiro progresso, gloriaça pelo triunpho de um falso positivismo qual nunca concebera Conte. O seculo XIX sanciona o facto de estar a moralidade em razão inversa da civilisação, entendida como vulgarmente se entende, e faz crer que as bellas artes nunca terão o desenvolvimento que lhes assigna Conte na phase positiva.

A philosophia positiva, a arca santa que salvara do naufrágio as sciencias firmada as suas bases, tem um desenvolvimento prematuro ; e suas más interpretação e applicação podem condennal-a, como succede ao christianismo. E' que nas epochas de transição o conveniente tem carácter de verdade ; e todo seculo que demarca progresso visivel é uma

epocha de transição para a humanidade que procura attingir a perfectibilidade unica epocha, que será permanente.

O seculo XIX para o Brasil, a aguia domestica odiosa a gavões altivos, é verdadeiramente um seculo da transição, como já o disse um escriptor ; e d'ahi, a particularidade, que lhe cabe, de viver emmaranhado entre leis contraditorias, cuja força obrigatoria é portanto nulla ; a moralidade social e individual é o phantasma nego cujo contacto assusta a mocidade, avida de um progresso irreflectido tão sedutor quanto anarchico. E' que a luz mui forte, cega ; e aquelles que não comprehendem com Victor Hugo que *as sciencias são assympotas da verdade*, arrojam-se impotentes, estriados na razão humana, que é fragil, porque o homem é contingente, a investigação do real e util, o material, desprezando o que no homem é essencialmente caracteristico, o espiritual, à cuja rectidão, qualquer que seja sua origem, se deve o verdadeiro progresso.

O desenvolvimento puramente material petrifica o homem e as bellas artes, essas, cujo desenvolvimento é necessário para que haja progresso, atrophiadas succumbem perante a falta de um ideal, que satisfaça e sensibilise a homens, cujo poder reside na ambição, cuja vontade é erguer um trono para si por sobre as ruinas de outrem.

E tudo isto emanari de uma philosophia dominante ? Não. As philosophias, qualquer que seja o seu caracter, prendem-se por um éló fortissimo e são complementares ; e o systema, utopia de hoje, é a realidade practica amanhã : impulsos para a marcha da humanidade, as philosophias dominam em certa epocha e desapparecem, deixando o traço indelevel, que as caracterisa, transformadas com a evolução social, pois são criações do homem e portanto transitorias.

O desequilibrio entre os progressos dos elementos que constituem a trindade humana, o physico, o moral e o espiritual, é, quanto a mim, uma causa de decadencia que se manifesta ao longe no meio das mais bem fundadas esperanças, e prematura será por falta de energia d'aquelles que devem desvendar os olhos dos cégos voluntarios, que, vampiros doidos, sorvem essencias, e vão ao lupanar mendigar uma crença, uma religião, um dever.

A. S.

## O Christianismo e a Civilisação.

A defesa do Christianismo, cujos principios reconhecemos como partes integrantes de nosso ser, particulas de nosso coração, moléculas de nossa alma, se assim nos podemos expressar, é, para nós, um dever sagrado, tem o valor do servante ipsum, é uma questão de vida ou morte.

Arrancai de nós estes principios, e nos teréis reduzido a um conjunto de materia inerte.

Eis porque usamos comparecer na imprensa, entre talentos robustos, perante os quaes só nos compete ouvir e calar.

Por este começo não se vá julgar que somos fanatico; amamos e seguimos de coração os preceitos da philosophia e moral christã, mas quem nos conhece bem sabe nossa maneira livre de pensar.

Apreciamos também a philosophia positiva, mas divergimos de alguns positivistas, que brilhantemente têm se apresentado na tribuna da *Phoenix Litteraria*, por nos parecer que nenhum antagonismo existe entre esta philosophia e o Christianismo.

Talvez provenha esta divergência do pouco conhecimento que temos daquella philosophia ; por isso nos declaramos, por enquanto, positivista sómente no campo das sciencias experimentaes e mathematicas.

Entremos em materia, e principiemos diffinindo o Christianismo e a civilisação.

Para isso penetremos por alguns momentos no reino da phantasia, nas regiões do ideal. Contemplemos o mundo, este deserto grande, extenso, interminavel ; e a humanidade, viajor incansavel, novo Ashavero, a percorrel-o sem cessar: Marcha ! Caminha sempre, e o deserto não se acaba ! A vista, por mais que alcance, só depara com o tremendo areal, enorme, incomensuravel, espraiando-se à infinito ! E o sol dardeja abrazador ; a terra queima : é um chão de brasas !

E o grande viajor não pára : é infatigavel ! Ouve um bramido horrendo, um estrondo aterrador : é o pampeiro

indomavel, é o simun que passa, assolando, devastando, acoutando os areaes ! O grande viajor avança ainda ! Lança os olhos pelo espaço infinito, percorre os horisontes, e nem uma miragem entrevê, uma esperança se quer ! Em torno de si— o turbilhão, a luta dos elementos, um mar enraivecido, um oceano a esbravejar !

As ondas são d'areia, são montanhas que se embatem ! Aqui, alli, além, mil trombas se erguem e elevam nuvens de pó : é uma luta titanica !

E a sede a fustigal-o ! E o grande viajor avança sempre ! Mas, enfraquecido, extenuado cai por terra, tendo n'alma— o desespero, nos labios— a maldição !

Tem sede, sede horrivel : o deserto não tem agua ! Onde encontral-a ?

Para que lado dirigir-se ?

E' uma tortura atroz ! . . . . .

Eis que ao longe, lá para as bandas do Oriente, como por encanto, por milagre, surge um Cordeiro no deserto, d'entre os areaes, e dirige-se para o Occidente.

Levanta-te ! Eis o rumo, viajor : acompanha o Cordeiro immaculado, e encontrarás uma fonte crystalina.

E o grande viajor põe-se a caminho ! A esperança lhe dá forças, elle marcha e marcha sempre !

Para onde vai ?

Para a miragem que vê além, para o futuro, para a perfectibilidade !

E a esta marcha incessante da humanidade para o aperfeiçoamento, que se chama civilisação.

Este movimento constitue o progresso, e o progresso é triplice :

Progride o homem physicamente, aperfeiçoando seu corpo e sua saude, aumentando suas forças, e estendendo seu domínio sobre o mundo physico ; consegue o progresso intellectual, aumentando e aperfeiçoando seus conhecimentos ; obtem, finalmente, o progresso moral, despertando e aperfeiçoando seus sentimentos.

As forças que produzem este triplece movimento, veio juntar-se outra a que se deu o nome de Christianismo.

Christo foi o Cordeiro imaculado que surgiu no deserto mostrando ao grande viajor o caminho do futuro.

Analysemos agora a natureza da força, observemos o estado do movimento na época de sua apparição, e vejamos se ella teve por efeito accelerar-o ou retardal-o.

Esta força — o Christianismo — é um corpo de doutrinas. Entre as verdades que contém, poderemos citar : a liberdade, a igualdade, a fraternidade e a tolerancia entre os homens ; a caridade para com os afflictos e miseraveis ; o perdão para os arrependidos ; verdades estas reconhecidas por todos os povos e ainda não contestadas por nenhum philosopho.

Não indagaremos se foram elas descobertas pelo Christo ou se a missão deste Reformador foi apenas coordenar-as : não entra isso em nossa discussão ; o que afirmamos é — que estes principios são partes componentes desta philosophia.

Tambem contem dogmas, adoptados por circumstancias de tempo e lugar ; não procuraermos justifical-os, porque já o foram, e cabalmente, pelo profundo sabio e eminente genio A. Comte.

A este conjunto de verdades e dogmas, chamamos religião christã.

Separai agora as verdades e os dogmas, destacai completamente as verdades, reuni sómente estas, em um corpo de doutrina, e tereis o que chamamos philosophia christã.

Passemos agora ao estado do movimento, isto é, da civilisação, na época da apparição do Christianismo.

Volvamos aos tempos idos, penetremos nesta grande e vasta catacumba a que se chama historia, onde, não obstante a densa e tetrica escuridão, auxiliados pela lanterna magica, a que se dá o nome de sciencia, poderemos tudo ver, examinar tudo.

Olhai ! Vede alli — columnas gigantes, além — pyramides colosseas, acolá — mansoléos, por toda a parte — tumulos de povos.

Adiante está uma abobada ; communica com uma galeria ; a escuridão é mais espessa ! Não importa, penetremos, atra-vessemol-a. Eis uma arcada ; dà para outra galeria. Avançemos, e assim de galeria em galeria, percorramos 19 : são os 19 seculos já passados, que se nos apresentam. Volvei a vossa lanterna para aquele lado, observai aquelle tumulo : junto está um homem. E' moço, cheio de vida, olhar candido, phisionomia sympathetic : seu todo inspira confiança.

Está na posição de quem medita, os braços cruzados e a cabeça pendida sobre o peito : pensa, e seu pensar é profundo ! Mas, ah ! Vêde !... Daquelles olhos, que derramam luz tão suave, também brotam duas lagrimas : chora. E por quem chora ? Quem está naquelle sepulchro ? Será sua querida mãe ? Algum ente adorado ?

Olhai ! Elle volve os olhos para o céo : implora. E por quem implora ?

Finalmente apontando para o tumulo, com voz forte e imponente brada : « Lazaro !... Lazaro, lezanta-te ! ».

A este brado augustó, toda a catacumba estremeceu. O eco repercutiu além, e foi de galeria em galeria, de abobada em abobada, de mausoléo em mausoléo, de tumulo em tumulo !

Toda a terra tremeu ! A sepultura se abriu, e um cadaver se ergueu ! . . . . .

Pois bem, este Lazaro representa o povo antigo, já cadaver, podre e corrupto, que renascia à voz do Christo.

Reflecti bem sobre esta pagina da historia, e vêde o estado miseravel do povo de então.

O pai não reconhecia seu filho, e tinha sobre elle direito de vida e de morte !

O filho não respeitava seu pai, e o considerava como um algoz !

A mãe, esta entidade quasi divina, abandonava o fructo de suas entradas, para entregar-se ás maiores orgias, á devassidões tão horripilantes, que nem imaginar se pôde !

Não havia laços que ligassem o homem ao homem, não havia direito, não havia justiça ! Só os ricos e poderosos tinham liberdade.... mento, não manchemos esta palavra santa, tinham a impunidade para os crimes mais atrozes !

E estes crimes eram tão grandes, que é hoje difficil conceber, e, ainda mais, acreditar em tamanha corrupção !

Havia uma classe de homens (pobres miseraveis ! eram os escravos nossos semelhantes, nossos iguaes !) considerada peior que o mais nojento reptil ! E estes martyres, por simples divertimento, por mero capricho de seus senhores, sofriam as maiores crueldades e as maiores torturas, crueldades e torturas taes que horrorisa, repugna e causa até calafrios a sua simples lembrança !

O escravo era atirado no circo para ser devorado pelas feras famintas e enraivecidas. Ia desarmado lutar com o leão, com o tigre, com a panthera, com o leopardo, com o elephante, e, se amedrontado corria de um para outro lado, procurando esquivar-se de golpes tão certeiros, tropeçava e cahia em tanques, onde o medonho crocodilho, com sua ferocidade caracteristica, em dois minutos o reduzia a mil pedacos !

A taes ferocidades era sujeito o escravo, sem ter a minima culpa, sem commetter a menor falta, só por divertimento de um publico baixo e vil, expectador a sangue frio e com prazer de scenas tão cruciantes, que não obstante arrancavam gargalhadas, em vez de lagrimas, daquelle auditorio aviltado !

Ainda não para ahi, o horrivel ! O escravo estava sujeito a maiores tormentos ! Por um capricho, era envenenado, para que, em sua agonia dilacerante, nas mil contorções de seus membros, nas ancias de uma morte horrorosa e desesperada, viesse uma feiticeira ler e predizer a seu senhor, qualquer banalidade futura !

E todavia estes martyres eram o sustentaculo de seus algozes. Trabalhavam sem descanso, noite e dia, debaixo do azorrague, definindo de fome e de fadiga, para com o fructo de seu trabalho, de seu sangue e de suas lagrimas, sustentarem a prepotencia, o luxo desenfreado, a ociosidade demasiada, de seus iniquos malfeiteiros, que, considerando o trabalho como uma infamia, entregavam-se aos vicios mais degradantes.

E da mulher, meus Deus, o que era feito ? Esta obra prima da natureza, este esmero de Deus, o que era entao ? Oh ! causa lastima ! E incrivel ! Mas a historia o attesta. Era mais baixa e mais vil que o verme ignobil, mais perigosa que a vibora : era um charco immundo, um tremedal de vicios !

Eis o estado de Roma, então dominadora do mundo ; eis o estado do povo mais civilizado desses tempos ; eis o estado da civilisacao, na época da apparição do Christianismo.

E todas estas calamidades desappareceram, e tudo isto mudou, desde que a voz do Christo se fez ouvir.

Daquelles corações putridos, fez elle vazos precisos, contendo essencias odoriferas ; alli, onde só havia vicios,

plantou a santa arvore da virtude, e, em vez de sentimentos ignobres, deu-lhes sentimentos nobres, puros e elevados. Declarou o escravo igual a seu senhor; deu aos homens a liberdade, ensinou-lhes os seus direitos e deveres reciprocos; pregou a tolerancia e a caridade; restabeleceu a familia ligando-a com laços de puro amor; elevou a mulher à categoria de anjo, e de seu coração fez o *sanc-ta-sanctorum*, onde encerrou os mais delicados sentimentos e as mais preciosas virtudes; fez ver que o trabalho é uma virtude, uma necessidade, que é nobre e engrandece ao homem. Com estes principios, a humanidade marchou e progredio.

Entretanto, vós, mocidade a quem nos dirigimos, que tendes uma alma grande e generosa, um coração repleto de sentimentos elevados; que vos guiaes sempre pela senda da justica; que buscaes a verdade até com sacrificios; que ergueis estatutas a todos os que tem trabalhado pela causa do Progresso; que estassem sempre do lado do fraco contra o forte, e sempre promptos a proclamar os heróes, e a reverenciar os martyres; vós esqueceis do primeiro martyr da liberdade!

Sois ingrata, e muito ingrata, para com o Christo, que pagou com seu precioso sangue, o ter pregado uma moral tão pura!

Quanta injustiça!

E, para illudirdes a vossa propria consciencia, que vos acusa por tão feia ingratidão, buscaes argumentos frivulos, ora—negando ao Christo a auctorita da doutrina que tem seu nome, ora—pondo em duvida até a sua existencia, como se um facto historico, e de época não mui remota, podesse ser tão facilmente contestado.

Por este rapido esbôço, ainda que mal delineado, fica patente o papel sublime do Christianismo no passado, e evidente que foi elle — a luz para o universo em trévas, o balsamo para todas as chagas.

Volvamos agora, do fundo da vasta catacumba, onde nos achamos, a seu ultimo compartimento — à época presente, e vejamos o que ahi se passa.

Do alto daquellas celebres pyramides, tumulos dos Pharaões, contemplemos o universo. Vêde, bem junto a nós, deste lado, rojando pelo pó, um gigante se extorce: é o

Sahara agonisante nas convulsões da morte. Escutae seu grito plangente, seu écho de dôr :

« Deus ! ó Deus ! onde estás que não respondes ?  
Em que mundo, em que estrela tu t'escondes,  
Embucados nos céos ? »

Pois bem, este gigante é um Lazaro quasi à morte, é um povo que supplica.

Olhai agora para aquele lado, prestae attenção ; mais dois brados reboam pelo espaço infinito : São mais dois gemidos que partem de dois outros mundos, são mais dois povos que imploram.

Quem são estes Lazaros, e o que pedem ?  
E' a Azia adormecida à força de opio, pede um ether poderoso que a faça despertar ; é a Africa sequiosa, que pede agua ; é a Oceania involvida em trevas, que pede luz.

Suas queixas doloridas foram ouvidas por Deus.  
Um Sol explendido e augusto surgiu, por cima do Calvario, dissipando as trévas, derramando luz ; segue a mesma marcha do sol do espaço, vem do Oriente para o Occidente ; illuminou à Judea, depois à Grecia, à Italia, à Hespanha, à França, à Europa inteira, atravessou o Atlântico, veio à America, está no Pacifico, e do Japão já se aprecia o seu crepusculo : vai romper a aurora para os povos da Azia.

Esperemos.  
A voz angusta do Christo, partindo do Calvario, repercutiu nos Alpes, dos Alpes nos Perinéos, dos Perinéos nos Andes ; ainda lhe falta percorrer um hemispherio inteiro ; será repercutida pelo Himalaya ; d'ahi irá aos Abyssinos e depois ao Atlas.

Este Sol ainda não terminou sua revolução diurna, não está finda, portanto, sua missão. Mesmo na parte do mundo que se diz — civilizada, ainda ha trévas a dissipar.

Dizei-me : No mundo civilizado não existe ainda miseria atriôz, corrupção medonha, ignorancia profunda ?

A escravidão — dragão terrível — já foi aniquilada ? A oppresão está abolida ? Já se tornou real a igualdade dos homens ? Não existem afflictos ?...

Se, pois, ainda ha corações sangrentos, como dispensar o balsamo ?

Não, a missão do Christianismo não está finda.

A philosophia Christã nunca terminará seu papel,  
porque esta philosophia se compõe exclusivamente de ver-  
dades, e a verdade é eterna.

Em Agosto de 78.

J. FAUSTINO DA SILVA.

---

Um encontro (1)

EM MONTEVIDEO

*En la Plaza, outro dia,  
quando o sol já s'escondia,  
com ua ñina m'encontrei ;  
— pouco a pouco, disfarçando,  
d'ella fui me approximando  
e deste modo lhe falei :*

*Onde vai, ó Senhorita,  
a esta hora tão solita ;  
com tamanh'anciedade ?  
— Não receia algum bandido,  
peralvilho, atrevido,  
dos que abundam na cidade ?*

---

(1) Tendo-se extraviado o original desta poesia, e querendo ultimamente recompô-la, não o consegui de modo completo, por já ter me esquecido de alguns versos.

Nesse estado foi ella ter ás mãos de uma illustre senhora fluminense, que addicionou-lhe as tres ultimas linhas da nona sextilha, assim como a decima. Achei-as tão naturaes e tão bem cabidas, que, com o maior prazer, as conservo : E' uma prova da estima que lhe consagro e do respeito que tributo ao seu talento; e, ainda, o consorcio das nossas idéas.

Oh ! meu Deus ! como é galante !  
como vai tão arrogante !  
No trajar, que singeleva !  
— Me responde, maravilha,  
és acaso de *Sevilha*,  
lá da patria da beleza ?

Nascest'om *Buenos Ayres*,  
ou junto ao *Manzanares*,  
em *Madrid* tão decantada ?  
Em *Cadiz* ? Em *Tarragona* ?  
Em *Xerez* ? Em *Barcellona* ?  
Ou nas veigas de *Granada* ?

• • • • • • • • • •

« Sou da patria de Belgrano  
onde o povo é soberano,  
e tem plena liberdade ;  
— onde o clima é sempre ameno,  
o céo limpido e sereno,  
na *campanha* ou na *cidade* ;

Sou livre como as lufadas  
do *pampeiro*, que agitadas  
do *Prata* trás sempre as aguas ;  
— Como as aves, como a neve  
que só passa mui de leve  
da montaña pelas *Hagoas* ;

Como o rio caudaloso  
a descer impetuoso  
do cimo da *cordilheira* ;  
— Como o indio em quem s'estampa  
essa vida lá do *pampa*  
erradin, aventureira ! »

• • • • • • • •

Se és tão livre como dizes,  
poderemo' ser felizes  
de Buenos-Ayres, ó filha...  
— Escuta-me, não encubras  
o setim das faces rubras  
no rendado da mantilha :

Qu'és formosa — en advinho  
pela ponta do pésinho,  
pelo talhe seductor ;  
— por essa mão delicada,  
como o jaspe tão nevada,  
pelo andar encantador ;

Pelo perfume que exhalas,  
pela docura das fallas,  
pela graca do trajar ;  
— Emfim, a tua figura  
diz mocidade e frescura  
e m'incita a te adorar !

Não occultes na mantilha  
a belleza que te brilha  
do semblante no rubor ;  
— Deixa que o estrangeiro,  
peregrino brasileiro,  
te contemple, linda flôr !

Não occultes, eu te peço,  
pois render-me já começo  
aos teus meigos attrativos ;  
— Não occultes — tira o véu,  
crava em mim, anjo do céo,  
teus olhares expressivos !

Porém qual ! Era tyranna !  
— Com seus ares de sultana  
nem siquer olhou p'ra mim !

E, veloz como a *gazella*,  
No *puedo* — me disse ella,  
da rua dobrando o fim !

E assim foi-se a *Senhorita*  
qu'eu encontrara tão *solita*  
e se mostrara recatada !  
— Fui p'ra casa aborrecido,  
seriamente arrependido  
desta minha *Quixotada* !

Maio de 1870.

M. VALLADAO.

---

## Saudades

### A MEU IRMÃO

Eu tenho saudades do tempo da infancia,  
Da meiga fragancia

Que outr'ora libei ;

Eu tenho saudades das verdes campinas,  
Das altas colinas  
Que outr'ora visei.

Eu tenho saudades dos dias risonhos,  
Dos placidos sonhos

Que outr'ora gozei ;

Das tardes fagueiras, das horas amenas,  
Das noites serenas  
Que outr'ora passei.

Eu tenho saudades d'aquellos brinquedos  
Que sempre tao ledos

Me davam prazer ;

Da prece singella que as Ave-Marias,  
Eu todos os dias  
Devia fazer.

Eu tenho saudades de um ente extremoso,  
De um pai carinhoso  
Que o céo m'enviou ;  
Eu tenho saudades da mão carinhosa  
Que sempre bondosa  
Meu berço embalou.

Eu tenho saudades da simples cabana,  
Da pobre choupana  
Que vi ao nascer ;  
Eu tenho saudades do fluido terno  
Que o seio materno  
Me dava à beber.

Eu tenho saudades da pátria encantada,  
Da terra adorada  
Do meu coração,  
Dos campos, dos rios, das castas deidades,  
Eu tenho saudades  
De ti meu irmão.

Côrte, Dezembro de 1877.

T. PORTOCARRERO.

### Chronica

Apanhamos á lapis os seguintes trechos do violento *speech* de um pessimista político, homem tão intransigente quão bilioso : « — Sim, meus senhores o que quer dizer *eleição* entre a nós?... Nada mais que um insupportavel *brouhaha* entre a

turba das mediocridades assanhadas e retrahimento de todos os homens honestos, sinceros, capazes.

(Pausa. Depois com força.) O que querem liberaes, o que querem conservadores?... Miolas de cera onde as *ideias* vão se amoldando na razão directa das ambições minusculas!... Ideias de manteiga que se derretem ao menor calor da estufa orçamentaria!...

Quando em nossa terra surgem as ambições politicas, a consciencia, a honestade e o criterio, friorentas e medrosas, vão se acocorar no mais obscuro escaninho, e se alguma sahir d'ahi é geralmente apupada! Quereis saber, oh! meus concidadãos, quereis saber o que deu-se hontem commigo na egreja de\*\*\*? Dirigia-me tranquilla e honradamente para depôr o meu voto na urna, quando vejo surgir à minha frente o *voto livre*, de cabeça achaçaçada e encarapinhada, de navalha em punho, e prestes à passar-me o pé.... vergonha!!

Nisto o fogoso orador molhou o palavrya, e degringolou uma furibunda sorite cuja deducção final veio a ser: — que todas as personalidades politicas militantes fazem parte de uma temivel e mysteriosa quadrilha de scelerados para a qual só ha um castigo condigne — a força, a força, a força!...

Não é invenção nossa; excessivamente authentico.

• •

Recebemos a seguinte epistola, que estampamos complacentemente: « Illm. Sr. Chronista. Rogo à V. S. que, por meio de seu conceituado periodico, advogue um pouquito os interesses dos *habitues* da 3<sup>a</sup> ordem do Imperial theatro, com o fim de convencer o Sr. Ferrari de que deve numerar tambem os assentos paradisiacos. Realmente, Sr. chronista, as cousas como estão não podem continuar. »

Nas noites litteraes aquillo ali é litteralmente insuppor-tavel; em pleno inverno transforma-se n'uma estufa. E' como sardinha em lata, Sr. chilista, é como sardinha em lata!... V. S. ha de concordar em como não pode haver *maestro di vino nem virtuosi di cartello* que consiga commover um dilettante reduzido ao estado de bife e sem a menor autonomia individual. Pois é como é.

Não acha V. S. que é uma iniquidade o querer-se atochar n'aquelle 3<sup>a</sup> céo do entusiasmo à guisa de bacallão em barica, á nós, que sacrificamos as economias nos altares lyricos,

à nós que constituimos a mais *elevada alcada* no julgamento dos cantores?... Sem dúvida que é uma injustiça.

Quer saber V. S. em que condição assisti eu a 1<sup>a</sup> da Aida? Imagine um sujeito encarapitado na 3<sup>a</sup> ordem de bancos, suando em bicas, em um equilíbrio tão grotesco quão absurdo, dobrado de tal forma que o centro de gravidade estava quasi transportado para a cabeça!!

E além disso, oh! irrisão, ainda ter que curtir as chufas de um tal Sr. Effendi, um amollador unico em sua especie que a *Gazeta* admittio no seu rodapé para prejudicar-lhe os justos creditos!

Esse Effendi, eu deposito-o nas mãos de V. S. para d'elle fazer o uso que mais convier.

Acceptae os protestos, etc., etc.

#### *Um habitué.*

Pedimos ao Sr. Ferrari que tenha contemplação com esses bons diabos e mande numerar os bancos; além das outras vantagens, tem a de evitar as vaias que nós outros, os numerados, chuchamos mui caladinhos, quando chegamos ao theatro mais cedo que devíamos. Quanto ao tal Effendi, que o gaiato nos entregou a discrião, consolem-se os do *paraíso* em sabendo que em o parecer de gente sensata, não vale a pena pensar em o que elle diz. Esse senhor, em o seu folhetim de 9 disse que Rossini era MONOTONO (!!!) e em o de 23 atirou a mesma pecha a Bellini (!). Lembranças como estas não se commentam, registram-se apenas.

• •

O *Jornal do Commercio* publica actualmente um primo-rosso romance do celebre author francez V. Cherbuliez, *O Pontapé*, obra prima de estylo e de observação, e que por isso mesmo tem causado tedio aos assignantes secos e molhados, e à outros.

Mas esses têm larga pitanga litteraria na secção de anuncios, nos *Rocamboles*, e nos sarapateis do Caipira; é de equidade que o jornal lembre-se tambem dos outros. Nós sabemos que os *aluga-se*, os *vende-se* e os *precisa-se* são as columnas seculares e indestrutiveis que o levaram triunfante pelos fastos do jornalismo. Mas vâ o jornal transformando os taverneiros em elemento de progresso, ou, para clarificar mais a metaphora, vâ extraíndo dos *aluga-se*, *ven-*

*de-se e precisa-se, abundante maná noticioso e litterario, para regalo da gente limpa e intelligente. Ahi é que está.*

• •

Sem o parecer, uma das melhores folhas da corte é o *Diario do Rio*, assim como, sem o parecer, uma das peiores folhas da corte é o *Cruzeiro*, o qual foi bem baptizado sob a razão social dos Srs. Vianna & Comp. Tal razão tal filho.

O que ultimamente tem sahido de mais notavel nessa razão social são umas temiveis verriñas assignadas—*Figaro*. Dizemos isso tão somente por espirito de franqueza, quanto sabemos que a franqueza nos afugenta as sympathias e que verdades ditas à queima-roupa são imperdoaveis.

Não importa, amamos mais a verdade do que a Platão, e como os nossos juizos de nada valem, aproveitamos gostosamente da obscuridade para emitir opiniões livres e desembaraçadas de qualquer onus. E d'est'arte elogiaremos tambem sem reservas, como por exemplo à Bordallo Pinheiro (*apezar de não termos nada com isso*), à A. Agostini, o insigne artista, ao folhetinista musical do *Diario*, o qual vai passando a perna nos Scudos consagrados e nos positivistas musicas que se elevam à altura de um principio (*Ola!*); etc., etc., que virá com o ensejo.

• •

O Sr. J. Serra, ao ler o folhetin em que Oscar d'Alvadá-lhe o diploma de — T. Gauthier, experimentou impressões variegadas e successivas, assim relatadas por um testemunha ocular : 1º — desmesurado espanto e *estatetibilidade completa*! 2º — começa á brincar lhe um sorriso de ineffável satisfação no canto dos labios, expande-se-lhe a physionomia, leva meia hora a olhar para o folhetin *chocando sua gloria infusa...* 3º — brusco movimento, risadinha velada e astuciosa, e telegramma para Roma assim concebido : « Sim, maganão? Então achas? » 4º — A' noite. Gestacão extremamente laboriosa de uma *Mlle. Maupin* que lhe confirme o baptismo, e traços para uns *Grotescos*.... 5º Despertar. Formidavel gargalhada, a qual lhe abala as entranhas e o toucão e as bochechas e o nariz e o cabello e os dedos dos pés... 6º e final. Hom'essa!!!

A mesma exclamação fez o Sr. Conselheiro Silveira Martins quando soube que tinha sido escolhido membro do Con-

gresso Litterario permanente, por indicação de um tal senhor  
que vê, ouve e conta, insultando Rousseau e a syntaxe.

..

O festejado autor das *Farpas* têm-nos mimoseado com alguns coruscantes folhetins, enviados de Paris. O *entrain*, a verve e a audacia de seu estylo, têm-lhe assegurado um incontestável sucesso. Tal é o arremesso de sua phrase nas voltas dos pujantes periodos, que à todo o momento receiamos vê-lo descarreirar, como um *bond* nas voltas de trilhos. Porém os trilhos são bem collocados, o cocheiro é perito e vai ali mais seguro que o diabo. Aquelle estylo é o desespero de muito folhetinista.... pum! que conhecemos.

Tal é a maneira porque elle sabe dizer as coisas, que se lhes desse para confeccionar pilulas litterarias á consumo transatlantico, nós as engoliríamos mui galantemente.

Velleidade como qualquer outra.

No tempo em que o nosso espírito ainda era obtuso e avacado (com licença para o neologismo) arranjamos a seguinte definição para caracterisar-lhe o estylo:

« Enxurrada de phrases por onde navega estonteadamente esse barquinho de papel chamado — paradoxo. » Mas folgamos em dizer que modificou-se completamente o nosso juizo. Não ha dúvida que elle joga com o paradoxo; mas quando um destes apparece, vem logo de ponto em branco; surge com tanta valentia e desembaraço, vem com um ar de mata-mourros tão decidido que qualquer objecção sugerida pelo bom senso ou pela fria razão perde logo as estribearas, e retira-se triste, desapontada, tosqueada, com ares de quem vai pentear macecos.

Além de que, para os escriptores verdadeiramente valiosos, os paradoxos não são mais que iriantes da verdade, que reverberações da ideia-mãe á scintillarem no rendilhado do estylo. Henrique Heine, o acclamado humorista, produziu grandes verdades sob a forma mais inverosimil que dar-se pôde. Na litteratura ligeira ha um problema de cuja solução depende o exito do escripto: produzir os mais gravitantes conceitos sob a forma mais airosa e graciosa. Stylo de chumbo só consegue despertar o sono, e como estamos com receio que o leitor já o sinta sob as palpebras, por isso sumimo-nos discretamente pelos bastidores da esquerda,

e esperamos o proximo numero para apreciar o *chronista-tigre* que pula dos bastidores da direita.

*U. D.*

Já que nos chamaram à scena, aproveitemos esse minuto.

Acabamos de receber o 1º numero do periodico — *Direito e Letras* — revista da academia de S. Paulo.

E' talvez a melhor publicação desse genero no Brasil. A parte litteraria acha-se sob a direcção do Sr. Affonso Celso Junior, uma das mais genuinas organizações litterarias do nosso paiz. Também à elle quererá a politica transviar? Cremos que ha de resistir-lhe, porque não é um aventureiro.

Nesse numero vêm bons artigos e magnificas poesias. Entre os artigos, porém, ha um — *Philosophia da Litteratura* — que revela no seu autor muito talento e vontade, mas que tambem revela ser elle completamente neophyto no templo da litteratura propriamente dita, da qual possue apenas as mais rudimentares noções. E para comprovar o que dizemos bastaria citar o ponto em que attribue a Julio Verne a evolução litteraria moderna. O tal Julio Verne é uma verdadeira praga.

*U.*

Recebemos e agradecemos os seguintes jornaes : *Gazeta de Campinas* — *Monitor Campista* — *Monarchista* — *Echo Liberal* — *Revista Gabrielson* — *Revista Militar* — *Livramento* — *Caixeiro* — *Violeta* — *Mosaico Ouro Pretano* — *Colombo* — *Pedro II* — *Semanario* — *Echo Juvenil* — *Povir* — *Cachoeira* — *Espirito Santense* — *Baependiano*.